

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OLVIDOR

32-sobrado-32

CORTE

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000

PROVINCIAS

Semestre	11\$000
Anno	21\$000
Avulso	1\$000



O Campo da Aclamação

Gracas aos Srs. Dr. Araujo Silva, Glaziou e Fialho, D. Giras e a Camara Municipal (1)
teremos brevemente a cidade do Rio de Janeiro transformada em jardim de Armídes

A VIDA FLUMINENSE

Summario

O Diário do Rio— Sua côr impolitica— Interesses oppositos— O kerosene— Um! Dois! Tres! Passe!— O abutre e o throno— A cauda do cão— O estylo e o homem— Liberdade do ventre do Diário— Um sonho que cheirava ao porta da Maritima de Diogenes— A ordem n'um chinello— Basta de reticencias— Lôr de nariz tapado— Revista theatral— Em que se prova que urtor não é masculino de actriz— Copphonia apurle— Pode bem ser!— Beneficio do Rossi— Fogueira mostra— O Sr. D. Pedro de Lacerda— São Pedro e um christão— Um agiota e S. Pedro— Moralidade— Taborde e tabordices.

Rio, 17 de Junho.

O *Diário do Rio de Janeiro* é uma folha que merece, por diversos modos, as boas graças do Governo Imperial.

Bastará dizer que imprime todos os annos uma porção de relatórios, para que ninguém ponha em duvida a sua *côr politica*.

Pode-se mesmo dizer, e elle o apregôa de bocca cheia, que é o unico órgão do partido conservador.

Único!

Entretanto...

Vamos aos factos.

De algum tempo a esta parte o *Diário do Rio de Janeiro*, desde o dia talvez em que começou a allumiar-se com *kerosene* deixou-se de publicar artigos de fundo no lugar em que as outras folhas os costumão publicar, isto é: nas primeiras columnas.

E deixou-se de fazel-o porque teve necessidade de guerriar o governo; e um artigo de fundo n'esse sentido comprometteria muito do pertos os relatórios, esse maná que todos os annos, em quadra certa, lhe cãe do ceo ministerial nos desertos bolsos.

Conciliar os dous interesses não era commettimento facil.

O interesse de fazer opposição ao ministerio atacava de frente o interesse de colher o delicioso maná.

Porem *Gusman ne connait pas d'obstacle*. Não ha difficuldades que não sejam superadas pelo homem illuminado... a *kerosene*.

Os artigos de fundo desertarão para o lugar das publicações anonymas.

Um nome desapareceu do frontispicio do jornal; outro nome surgiu n'elle.... Um! Dois! Tres! Passe!.... e a sorte estava feita.

Haverá nada mais simples?

A principio os anonymos da redacção aggreirão com certo commetimento os netos do poder e as pessoas dos ministros.

O pequeno abutre ensaiava a força de suas asas anda debeis.

Depois a linguagem encresposou-se e as semsaborias começaram a despojar no dubio horizonte.

O abutre crescia, crescia, e olhos vistos.

Mais tarde já não era bastante guerrear as sete pastos ministeriaes. Era preciso mais, muito mais!

Era preciso que os remoqueos chegassem até os degraus do throno.

Tinha o abutre attingido seu maior desenvolvimento!

Desesperado por ver que mais ninguém se dava agora ao incommodo de lêr suas diatribes, resolveu o redactor do *Diário do Rio de Janeiro* cortar a cauda de seu cão, lançar mão do qualquer meio extraordinario que chammasse de novo sobre si a attenção publica.

Que fez então?

Disse aos seus botões:

— O estylo é o homem. Escrevamos, portanto, em estylo que se pareça com nosco.

E no dia seguinte foi estampado em pleno *Diário do Rio* um estenso artigo sobre *liberdade do ventre*, que cheirava de longe a *kerosene*.

Esse artigo intitulava-se *Um sonho*; porem era mais do que um sonho, era uma imagem fiel, um retrato vivo, um verdadeiro *alter ego* do abalizado escriptor que o elaborou, e cujo vistoso nome figura no alto da primeira pagina do conceituado *Diário*.

A belleza da linguagem, a pureza do phraseado, e a suavidade do aroma, oh! principalmente a suavidade do aroma! denunciavam a uma legua de distancia o abalizado jornalista.

Vêr a obra, era vêr o autor, era admiral-o, era sentil-o!

Continde o *Diário do Rio*!

Continue! Ponha n'um chinello a *Ordem de Pernambuco*.

Away!

Para que mais reticencias?

Não se pôdo deixar do confessar que poucas vezes tem sido inserios nas folhas da Corte artigos tão interessantes como o *Sonho*; mas é preciso lêl-o... do nariz tapado.

Os theatros estão como nunca.

Que animação! Que vida!

No de D. Pedro II vae estreiar-se a companhia lyrica.

No Provisorio (eterno) continúa Rossi a colher caradas de louros.

O Aleazar recebeu um reforço de oito barrigas de pernas.

A Phenix Dramatica prepara-se para apresentar em scena o panorama do Porto e a comedia *A Vindima*, onde se vê *uma celebre palmeira, que lá estava etc., etc.* (leia-se o annuncio).

O Gymnasio dá a entender que contractou, ou cousa que o valha, o celebrado Taborde.

O S. Pedro anda ás voltas com os imitaveis Rei e Rainha do Ar, soberanos do Paiz das Cambalhotas.

Um Sr. Goodison declarou ha dias pela imprensa que espera mais dia, menos dia, uma grande companhia gymnastica e acrobatica anglo-prusso-americana.

O S. Luiz canta a *Canninha Verde*.

Esquecia-me de mencionar o Sr. Henriques Nunes, que promette apresentar no Gymnasio uns — *quadros de Portugal, produzidos do cliché photographico, transparentes...* (não entendo o que é; mas deve ser coisa muito boa).

Quanto divertimento!

E não inclui na relação os tocadores ambulantes de rabeca, os canários domesticados e os macacos que toco bandurra pelas ruas!

A proposito de theatros, ando ha muito tempo com vontade do saber porque razão o Sr. Furtado Coelho costuma, em seus antecessos, apudarse *artista* e dar o Sr. Emilia Adelaide o nome de *actriz*.

Não será elle actor?

Não será ella artista?

Por mais tractos que dê ao espirito, não percebo o motivo da distincção estabelecida pelo empresario.

Ambos pisão o palco, ambos tem talento, ambos são applaudidos: são, portanto, iguaes e como taes merecedores da mesma classificação.

E se alguma differença existe entre os dous, é ella, sem a menor contestação, toda em favor da Sra. Emilia Adelaide, que tem *escala*.

Sendo ella simplesmente actriz, porque não será tambem elle simplesmente actor?

Copophouia aparte, não entendo a distincção, que, além de injusta, não parece pouco cortez para com uma senhora.

U'ahi... pôde bem ser que eu esteja enganado.

Pôde bem ser!

Rossi o Grande faz beneficio no dia 27 do corrente com a tragedia *Macbeth*, de Shakspeare.

Os bilhetes são procurados como canella em botica. Já não ha mais camarates e raras são as cadeiras que ainda estão sem dono.

Os admiradores do inimitavel artista preparam para essa noite uma festa como nunca se viu, e creio que nunca mais se verá nos nossos theatros.

Consta que, em homenagem ao mestre dos mestres, resolverão os empresarios dramaticos da Corte não dar espectaculo n'essa noite.

Todas as manifestações são pueras quando se tracta de victorias um talento como o de Rossi.

A recordação da noite de 27 de Junho de 1871 ha de ficar indelivelmente gravada nos orações dos verdadeiros *dilettanti* da capital do Imperio.

A maior fogueira que houve na noite de Santo Antonio foi a do Arsenal de Guerra.

Não me consta, porém, que ninguém a pulasse, nem mesmo o Sr. tenente-coronel Carvalho.

Um amigo, que me merece o maior conceito, asse-

gurou-me hontem haver Sua Excellencia Reverendissima o Sr. Bispo do Rio de Janeiro *ordenado* ao clero sob sua jurisdicção, que nos actos de confissão não desse absolvição ás ovelhas que não acreditassem, como em um dogma, na infallibilidade do Papa.

Sua Excellencia Reverendissima, portanto, *vae* mais longe do que o proprio concilio oecumenico, que limitou-se em *recomendar* que se prestasse fé na infallibilidade papal.

Pas tant de zele, monseigneur!

Para o Sr. Dom Pedro de Lacerda, as virtudes e vícios das que dobrão os joelhos diante do confissionario nada valem. Nada!

O que é mister para obter-se absolvição é *erêr-se* n'um absurdo!

Segundo Sua Excellencia Reverendissima, a missão do chaveiro do *crô* acha-se reduzida a termos bem simples.

Com os seguintes dialogos, que figuro travados no porta do Paraíso, poder-se-ha fazer uma ideia bem exacta da cousa, tal qual a quer Sua Excellencia Reverendissima.

Uma alma desprende-se da materia, que a ligava a este valle de lagrimas, de eleições e de impostos, e vòta alegre para a mansão dos justos.

— Quem vem lá? pergunta-lhe S. Pedro.

— Um christião.

— Acordaste na infallibilidade do Santo Papa?

— Não, porque nunca pude convencer-me que um simples mortal, por mais virtuoso e sábio que fosse, pudesse ser superior ao erro. Deus só é infallivel!

— Não podes entrar no Paraíso!

— Mas fui um homem honesto.

— Não podes entrar!

— Amei meu proximo como a mim mesmo.

— Não podes entrar!

— Enxuguei muitas lagrimas, alliviei muitas dôres, ensinei os ignorantes, ampei os desprotegidos, reparti muita fortuna com a pobreza...

— Não podes entrar!

E a infeliz alma, que durante cinquenta ou mais annos que andou pela terra, caprichou sempre em praticar *todas as virtudes* recomendadas pela religião, so encaminha tristemente para o Purgatorio, por não ter prestado fé n'uma mentira!

Momentos depois ahi vae outra alma em demanda da porta guardada por S. Pedro.

— Quem vem lá? pergunta-lhe o eterno chaveiro.

— Um peccador.

— Que titulos te recommendão?

— Nenhum, a não ser esta carta de apresentação do Vigario da minha freguezia, de quem fui sempre intimo amigo.

— Falla.

— Nesta carta conta meu amigo Vigario qual foi minha vida na terra. Por ella se vê que andei sempre tão pensionado de trabalhos mercantis...

— Ah! Foi negociante? Que generos vendia?

— Eu vendia... dinheiro. Tinha uma casa de penhores e emprestava aos pobres, cobrando apenas cinco ou seis por cento ao mez. Como dizia: *nadei sem-*

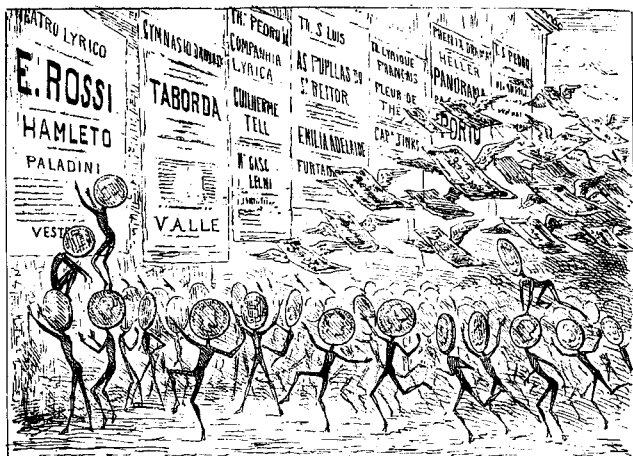


*As plataformas nos theatros ou o
assalto dos cambistas*
A autoridade lão zelosa pela commodidade das familias que entrão nos bonds
deveria ter o mesmo zelo pelas que frequentão os espectaculos



Acerca do desastre da estrada de ferro de S. Paulo, houve
briça sobre entre a autoridade e o gerente da d^a estrada.
O tranzião ficou interrompido, soffrendo o publico graves
inconmodos. O Sr. Scully, conseqüente restabelecer as cousas
e a estrada, continuou a funcionar. Ha muita semelhança
entre este facto e o qüestão dos bonds; não acharemos nos aqui
uma alma caridosa que consiga do governo o tranzião nas pla-
taformas.

Em Santos, um corteo juiz que tem 20 annos de capacidade,
indagado por outro juiz o e mais de facto do que de direito,
entendeu que devia fazer toda casta de
Consulta nos popos que tudo se apasiguasse, e que o governo
destina um logar em corteo hospicio ao tal juiz que
preciza de um e no fim.



Attractivos que fazem actualmente nosso dinheiro correr, pular, dançar, voar etc etc das algibeiras. Há para todos os gostos: Escotham



Corre o boato, que os empregados publicos e os do Commercio prezando-se de ter bom gosto, vão pedir a seus chefes e patrões um augmento de ordenado: porque poderem frequentar os theatros affirm que os artistas estrangeiros que se acham actualmente na Corte levam com siigo salarios dos célebres, a corteja de que o publico do Rio de Janeiro sabe dar verdadeiro apreço as Bellas Artes.

pre tão pensionado do trabalhos mercantis e cleitâncias, que nunca tivo tempo para dar esmallos....

— Então não pôde entrar!

— Nem para ir d'essa, nem para confessar-me, nem para rezar....

— Não pôde entrar!

— Espere; ouça-me primeiro e depois resolve. Nunca tive tempo para estancar um pranto, nem para mitigar um soffrimento, nem para dar abrigo e alimento aos infelizes.

— Não preciso ouvir mais. Decididamente não pôde....

— Mas acreditei piamente na infallibilidade do Santíssimo Papa Pio IX.

— Porque não o disseste logo? Entra! Entra, meu filho! O Paraíso é teu!

MORALIDADE.

Seja-se agiota, perverso, vicioso... mas creia-se que, Pio IX é infallível.

Taborda chegou!

Chegou Taborda!

Eis o que se ouve dizer por toda parte em voz grossa e em voz fina, em francez, em inglez, em allemão, em italiano, em hespanhol, o até em portuguez, nas casas, nos theatros, nas ruas, nas praças, nos bôcos, nas esquinas, nos corredôres, nos caminhos de ferro, nos bonds, nos tilburies, nas barcas, nas diligencias, nos hotéis, de dia e de noite!

Taborda é uma epidemia, um terremoto; um cataclysmo em toda a Capital do Imperio!

Não se falla em outra cousa!

Mas o que pouca gente ainda sabe é que o grande artista comico pouco se demorará aqui, porque veio com uma licença de *tres mezes apenas*, e n'esse pequeno prazo tenciona dar tambem algumas recitas no Pará.

Descontando as semanas gastas em viagem, vê-se que o tão esperado Taborda ficará, quando muito, uns quarenta dias no Rio de Janeiro.

Quando me lembro que outros veio ficar entre nós mezes e annos!

O mundo é assim mesmo!

Os instantes de bello d'ouro annos; os annos de prazer durão instantes! (Os poetas esbozão a dizer isto em verso; porem eu... achô mais commo-do dizê-lo em prosa).

A. de C.

Assumpto de varias cores

Rossi — Hamleto — Descripções muito aquém da realidade — Digo toscamente o que se passou no theatro Lyrico a 12 do corrente — A chegada de Mestre Arnaut — A nova *troupe* — *Et tréville* — O Valle e as primeiras...

Taborda: — O que me parou estar vendo. — Trêz as avessas. — Publicações recentes. — "Guilherme Tell" — O Club Mozart — Saão em honra de Rossi. —

O publico fluminense deu, a 12, a prova mais evidente do subito apreço em que tem as qualidades artisticas de Ernesto Rossi.

Apenas se soube que o espectáculo daquelle noite se compunha de tragedia predilecta do actor italiano, os camarotes foram vendidos n'um volver d'olhos, e os lugares da plateia procurados com a avidéz percursora de uma curiosidade, bem rara entre nós de ha tempos a esta parte.

E' que todos sabiam da recepção brilhante feita ou-l'ora pela imprensa europea ao immortal "Hamleto" de Shakspeare, interpretado por Ernesto Rossi!

E' que todos desejavam ver se a exaggeração não fora o prisma através do qual os criticos do nosso tempo haviam contemplado um trabalho artistico admiravel para alguns, sublime para outros, unico para todos.

Seja dito em a fé que deve inspirar-nos o soberbo espectáculo da noite de 12: — tudo quanto a imprensa europea disse a cerca da interpretação do "Hamleto" pelo actor italiano, a quem o nome de Shakspeare deve a sua actual popularidade, está muito aquém do que, na realidade, é.

Ha cousas que a palavra mal exprime; e embora talentos vigorosos tentem por vezes procurar descrever-nos o talento excepcional de Ernesto Rossi — ao vê-lo no "Hamleto" as descripções tornam-se palidas, e mostrão-nos a impotencia da palavra perante os prodigios assombrosos do genio.

E' preciso ver o gesto sempre correcto e magistral, ouvir a palavra sempre medida pela força do sentimento, assistir ás scenas do loucra no 3º acto, ao monologo do *Ser e não ser*, e prestar religiosa attenção ao dialogo com Horacio, no cemiterio, para se avaliar devidamente a maravilhosa perfeição a que Rossi attingio na arte dramatica!

Até alli é possível chegar-se, porque elle chegou: — ir além é impossivel.

Não me deterei mais em repetir, talvez, o que já foi dito por muitos; e, voltando ao assumpto principal d'este artigo, narrarei, embora toscamente, o que se passou no theatro Lyrico na noite da primeira representação do Hamleto.

Às 7 horas e meia as cadeiras de 1ª. classe estavam occupadas desde a primeira até a ultima; os camarotes de 1ª. e 2ª. ordens, sem excepção de um só, via-se grande numero de senhores elegantemente vestidos, e de cavalheiros que as acompanhavam.

Apenas o artista-rei entrava na scena, uma salva de palmas, ruidosa como tudo o que nasce do enthusiasmo, ecoava no vasto recinto. Ao terminar de qualquer phrase, dita pelo tragico italiano com a superioridade de intelligencia que todos lhe reconhecem, os *bravos* irrompiam dos quatro angulos da sala; e apenas o panno descia, por tal sorte eram freneticos os applausos que, Ernesto Rossi, para mostrar quanto lhe era grata essa constante ovação do publico fluminense, vinha repetidas vezes ao proscenio agradecer tão subidas provas de apreço e distincção.

No fim do 3º. acto a companhia do theatro S. Luiz,

associando-se ao entusiasmo geral, apresenton-se luzidamente encorpada perante o grande artista, e offereceu-lhe uma riquíssima collecção das obras de Shakespeare, e varias grinaldas e *bouquets* de flores de pennis, recitando o Sr. Fortado Coelho um pequeno discurso, onde transuzia a admiracão que lhe inspira o grande tragico italiano, e a Sra. D. Doilinda uma poesia, destinada a pôr, ainda uma vez, em relevo as eminentes qualidades artisticas do homem, a quem o theatro antigo deve a sua ressurreicão, e o moderno a phase mais brilhante da sua gloria.

Deixando' Rossi e o seu *Hanleto* resta-me commu-nicar ao leitor o optimo resultado obtido por mestre Arnaud na sua viagem á Europa.

Nada menos de sete artistas foram por elle contrac-tados para o nosso theatro francez; e a dar credito a alguns jornaes parisienses que tenho á vista, de entro a pleiade, que em breve vai ser julgada pelo nosso pu-blico, destacam-se notavelmente duas *estrellas* do mais puro brilho.... artisticos: M^{lle} Irma-Marié e M^{lle} Arnal.

A primeira conta um repertorio variadissimo, a par do uma voz educada nos preceitos da boa escola fran-cesa.

A *opera-buffa* e a *operetta* são a sua especialidade—especialidade a que deve a grande reputação de que vem precedida.

A segunda, na opinião do varios jornalistas de Bur-deaux, é um talento sem especialidade positiva, uma destas creaturas que nasceram para o theatro, o que na *opera seria* ou *buffa*, no cinto *dramatico* ou no li-geiro, tem grangeado boa copia de applausos a par do mais menor somma de... francos.

Alem destas, fez o Sr. Arnaud a acquisição de M^{lle} Vialla—a unica *lacaia* que soubo substituir, sem que os frequentadores das *variétés*, em Paris, dessem pela substituição, a famigerada *Alphonstine* de outr'ora — e de M^{lle} Adrienne, planeta não reconhecido ainda pelo nosso observatorio astronomico, mas do qual se espera benifica influencia sobre os destinos da scena alcaza-rina.

Reforçando tambem o pessoal sem pretensões a ser analysado pelo telescópio da meteorologia, trouxe-nos o Sr. Arnaud um *tenor*, cuja voz tem as qualidades exigi-das pelo repertorio mais em voga, e um *baritone*, (o Sr. Martineau) *civile*, *connais sance* dos nossos *habitués*, alem da um *comico*, reputado excellent pe-las folhas francezas.

Es com tudo isto a direcção do theatro francez não fizeo rios do dinheiro e bem o caso de dizer-se, copian-do textualmente o dito de M^{lle} Aimée no primeiro acto dos "Turcos", — "Des bananes".

Quem está vendo rios de dinheiro diante de si e o Valle, do Gymnasio.

Bemaventurado emprezario!

Para elle as *pepinieras* não se acabam. Esgotada

uma, vem logo outra: após o Panorama da Lisboa, veio o do Porto — e em seguida a elles, entra-lhe pela porta dentro a fortuna personificada no *Tabor da I!*

O que o grande actor portuguez vai fazer no Rio de Janeiro não é facil prognosticar-se. Entretanto já me parece estar vindo os loureiros completamente desfo-llhados, os jardins sem uma flor que lhes justifique o nome, os poetas cangados de invocar a musa e rucos de recitar versos, os jornalistas entregres ao mais pro-fundo desespero por não acharem na nossa lingua nu-mero sufficiente do *superlativos*; as vidraças das flo-ristas vazias de flores, e despoznadas do grinaldas, e o publico fluminense de mãos inchadas.... e algeibaras vazias.

E tenho plena fé que tudo isto ha de realizar-se porque sei o que vale Tabor, — verdadeira *celebri-dade* no seu seu genero — e conheço da quanto é capaz o entusiasmo da nossa população, todas as vezes que um artista, digno de tal nome, lhe cabe em graça.

Na Phenix dão-se os ultimos toques ao *Trunfo* de *ascessas* poema de França Junior, e musica de Mes-quita.

Peraute esses dons nomes que nos annaes do theatro brasileiro só contam triumphos, não é davi-doso o successo da composição.

Em resposta ao folheto — *Desgosto e depreciamento das fleiras* — publicou o Sr. J. G. um livrinho sob o titulo de *Ligeiras considerações sobre as verdadeiras causas do desgosto e depreciamento das fleiras*.

O livrinho interessa especialmente á classe militar. — Da pharmacia *Antunes*, vantajosamente conhecida n'esta corte, sahio tambem um interessante folheto, onde se trata de estudar as causas de varias molestias, applicando-lhes os remedios mais efficazes á sua cum-plerta extirpação.

Fago aqui ponto final porque vou assistir ao ensaio da opera *Gaithern: Tell*, annuciada para terça-feira proxima, no theatro D. Pedro II.

E já que fallei n'isto, lembre-se o leitor que é a inauguração de uma sala nova, a estréa de uma com-panhia quasi nova, a exhibição de telas e vestuarios no-vinhos em folha, e a occasião de ouvir o melhor *sparti-to* de Rossini! — quatro circumstancias capazes de agucar a curiosidade mais romba d'este mundo.

Antes do ponto final:

O Club Mozart prepara um esplendido sardó em honra de Rossi.

Fervem os empenhos para couvites.

A. DE A.

CARLOS F. MICELER — Typ. rua da Ajuda n. 16.

Incendio do Arsenal de Guerra.

